

Crise moral e crise econômica—I

**João Paulo de Almeida
Magalhães ***

Epouco compreensível a insistência dos economistas em propor fórmulas, mais ou menos repetitivas para resolver a crise nacional. Isso porque a crise não é econômica, nem tão pouco política como se alega freqüentemente. O país se acha, na verdade, diante do que poderíamos definir como uma grave crise moral. Esse fato pode ser comprovado de forma simples.

Os especialistas aceitam, sem discrepância, que o controle final da inflação depende de uma suplementação do esforço atual através de ampla reforma fiscal que liquide, de uma vez por todas, o déficit público e de uma política de rendimentos que compatibilize as remunerações reivindicadas pelos agentes econômicos (Governo, trabalhadores, empresas etc.) com a dimensão do PIB. Dominada a inflação, a retomada do investimento vai depender da reconstituição das poupanças governamentais que chegavam a 4% do PIB e são hoje negativas.

Se tais medidas revelam-se tão evidentes, por que não foram implementadas? Porque elas exigem esforço e sacrifícios somente admissíveis no âmbito de uma aceitação da precedência da coisa pública sobre interesses e egoismos pessoais. Ora, essa precondição básica inexiste no Brasil de hoje, o que configura a crise moral a que nos referimos, e que torna inútil a multiplicação de políticas e programas de salvação nacional. No

contexto presente estes só teriam viabilidade se não implicassem sacrifícios e, pior ainda, se fossem compatíveis com o atendimento de reivindicações de poderosos segmentos da sociedade. Como não dispõem de fórmulas milagrosas (isto é, que se ajustem a tais condicionantes), os economistas deveriam ficar calados sob pena de crescente e rápido desprestígio profissional.

Colocando a questão de um ponto de vista macroeconômico reconhecemos de bom grado que, por exemplo, os Estados Unidos, nos anos 20 deste século, atravessaram crise de gravidade, possivelmente, igual à nossa. O capitalismo selvagem se lançava tranquilamente em manobras que, segundo à legislação hoje vigente naquele país, deveriam ter levado seus responsáveis à prisão; o crime organizado ameaçava dominar as grandes cidades e respeitáveis membros da elite intelectual do país iam se refugiar na Europa. Sucedeu, porém, que o nascente capitalismo americano contava com mecanismos espontâneos, sociais e de mercado que o levariam a ultrapassar essa fase.

Em países de crescimento retardado, como o Brasil, e apesar do que possam dizer os novos liberais, essas forças não existem. A necessidade de usar técnicas largamente absorvedoras de capital (em conflito com nossa disponibilidade de fatores) e de aceitar unidades de grande porte exigidas pela tecnologia moderna (em contraste com nosso pequeno mercado interno) levou-nos a um

desenvolvimento dual. Neste, um pequeno setor moderno, de alta produtividade e elevados padrões de vida, convive com uma imensa economia tradicional pobre e inefficiente. É a situação magistralmente ilustrada pela tese de que o Brasil é uma Belíndia, ou seja, a mistura de uma pequena e rica Bélgica com uma imensa e miserável Índia.

O sucesso desse tipo de desenvolvimento exige a ação de uma elite esclarecida e responsável que coloque os interesses do país acima de suas vantagens pessoais. Exige, igualmente, que o desempenho desta seja constantemente vigiado e cobrado por uma opinião pública atuante e eticamente motivada.

Ora, o que temos hoje no país é uma elite aparentemente orientada pelas "leis de Gerson" (cada um deve procurar sua própria vantagem) e de São Francisco (só se deve fazer alguma coisa, ainda que de estrita obrigação, se se receber algo de volta). E o mais grave é que a opinião pública adotou uma posição de cinismo diante desse quadro, nada exigindo das lideranças nacionais que considera irremediavelmente egocêtricas e corruptas.

Há, contudo, aparentemente, uma luz no fim do túnel e esta nada tem a ver com o que estão fazendo, ou possam fazer, nossos salvacionistas. Este será o assunto do próximo artigo.

* Professor titular de Economia da UFRJ. Primeiro de uma série de dois artigos. O próximo sairá na edição de amanhã.